



A AFETIVIDADE NO ENSINO SUPERIOR

AFFECTIVITY IN HIGHER EDUCATION

Lilian de Jesus Paulo Ulian¹

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado.

Rubem Alves

RESUMO

A afetividade é um assunto que tem sido bastante analisado na atualidade, dentro e fora das instituições de ensino, pois imiscui diretamente no desenvolvimento afetivo emocional, cognitivo, social e em todas as relações do ser humano. Esta pesquisa de cunho bibliográfico relata da importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem como mediadora da prática educativa no ensino superior, uma vez que o professor é essencialmente mediador do processo educativo. Evidencia algumas concepções teóricas sobre a afetividade e a prática docente, relação entre cognição e afeto e a afetividade nas relações professor-aluno no ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade, Ensino, Aprendizagem.

ABSTRACT

The affectivity is a subject that has been sufficiently analysed in the present time, inside and outside of the education institutions, therefore influence directly in emotional the affective development, cognitive, social and in all the relations of the human being. This research of mints bibliographical tells of the importance of the affectivity in the process of education and learning as mediating of the educational practice in higher education, once the professor is essentially mediating of the educational process. It evidences some theoretical conceptions on the affectivity and the teaching practice, relation between cognition and affection and the affectivity in the relations professor-pupil in higher education.

KEYWORDS: Affectivity, Education, Learning.

¹ Licenciada em Pedagogia e Artes Visuais, Pós graduada em Psicopedagogia Institucional, professora da Rede Publica Municipal de Ensino de São Paulo. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. E-mail: lilianulian6@gmail.com

RESUMEN

Afectividad es un tema que fue mucho analizado en la actualidad, en el interior y el exterior de las instituciones de enseñanza, por lo tanto de imiscui directamente en el desarrollo emocional emocional, cognoscitivo, social y en todas las relaciones el ser humano. Esta búsqueda de impresión bibliográfica dicho de la importancia de afectividad en el proceso de enseñanza y aprendizaje como mediador de la práctica educativa en la enseñanza superior, dado que el profesor es esencialmente mediador del proceso educativo. Prueba algunas concepciones teóricas sobre afectividad y la práctica que enseña, relación entre conocimiento y afecto y afectividad en las relaciones professor-aluno en la enseñanza superior.

PALABRAS-CLAVE: Afectividad, Enseñanza, Aprendizaje.

INTRODUÇÃO

As palavras instrução e desenvolvimento são expressas em latim através do vocábulo “educare”. E durante muitos anos, a educação foi apontada pela técnica que tinha como objetivo a instrução, deixando de lado muitas vezes a afetividade.

Dessa forma, ficou limitado ao aluno prestar atenção às explicações e a concretização das atividades na sala de aula, impossibilitando a troca afetiva entre os pares. Uma vez que se preocupa com o fator afetivo, em especial no ensino superior, momento em que o adulto se encontra em processo de definição de carreira, o afeto pode ocasionar um desenvolvimento mais satisfatório. Numa relação de afeto podemos descobrir as formas adequadas de lidar com o outro no processo de comunicação. A comunicação entre as mentes (razão) é apenas o meio do caminho. É na comunicação entre os corações (afeto) que se dá a reconstrução do ser.

Somente a compreensão é precária para realizar a reconstrução do comportamento. É através das sensações que possibilitaremos a interação efetiva, portanto, produzir mudanças. As atitudes do professor na sala de aula poderão interferir de forma positiva ou negativa nos processos cognitivos e afetivos. Se o professor demonstra raiva pelos alunos a tendência é que essas atitudes causem relações recíprocas, assim como o mesmo se ostra interessado, expressando seu interesse pelo desenvolvimento de seus alunos, respeitando suas individualidades, estará criando um ambiente mais agradável e propício para todos. Para que ocorra um relacionamento afetivo é preciso haver respeito pelas ideias e opiniões do outro, interação, troca, diálogo e compreensão.

O foco desta pesquisa ocorre com a relação entre a aprendizagem e a afetividade na docência do ensino superior, ou seja, entre o docente e seus discentes. Para iniciar a

compreensão sobre como deve ser o contexto educacional, é importante ter a consciência de que não existe o professor sem ter o aprendiz. Precisamos ter a capacidade de reflexão sobre a relação entre professor e aluno e para que se ocorra esta interação, é essencial quebrar o paradigma onde o professor toma o julgo absoluto dos saberes, serve-se de forma autoritária o uso abusivo de sua ocupação, fazendo com que a liderança, a qual deveria ser utilizada seja ignorada e fazendo com que o aprendizado seja prejudicado. Então podemos compreender que a faculdade é lugar de trocar saberes, onde se deve deixar o aluno perguntar e criticar e se tornar cada vez mais envolvido com a disciplina.

No entanto a afetividade é necessária para a vida e essencial para a construção de relações saudáveis entre os indivíduos. Assim sendo, acresce a necessidade da realização desta pesquisa teórica que visa a contribuir para uma reflexão sobre a importância da relação interpessoal professor-aluno no ensino superior.

1 A CONCEPÇÃO DE AFETIVIDADE

Para dar início ao foco da pesquisa, o ponto de partida será a definição do vocábulo afetividade segundo Dicionário Aurélio: seu conceito pode ser considerado por um conjunto de ocorrências psíquicas que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Vygotsky (1996) evidencia sua abordagem unificadora entre as perspectivas cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico afirmando que:

“A forma de pensar junto com o sistema conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantém uma certa relação com os nossos pensamentos.” (Vygotsky 1996 p.21)

A afetividade possui o seguinte significado de acordo com Ferreira, (1999, p. 62): “Associação de fenômenos psíquicos que possui manifestação segundo as emoções, sentimentos e paixões, assistidos sempre da sensação de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”.

Quem organiza internamente nossas reações são as emoções que transforma nossos sentimentos em tensões, exercita, estimula ou freia todas as nossas reações.

Dessa forma a emoção conserva o papel de organizador interno de nosso comportamento.

O afeto é o componente de nosso psiquismo que tem responsabilidade na maneira de sentir e perceber a realidade. A afetividade é, então, o fragmento psíquico responsável pelo significado sentimental de tudo que vivemos. Se algo que vivenciamos está sendo agradável, prazeroso, sofrível, angustiante, causa medo ou pânico, ou nos dá satisfação, todos esses conceitos são atribuídos pela nossa afetividade. Segundo ROSSINI (2003 p.9):

A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela “está” em nós como uma fonte geradora de potência de energia. Sendo assim, a afetividade é essencial em qualquer momento da vida do ser humano, pois ela se manifesta ao decorrer da vida em todos os momentos e em todas as relações sociais.

A afetividade é um estado de afinidade profunda entre os sujeitos. Assim, na interação afetiva com outro sujeito, cada sujeito intensifica sua relação consigo mesmo, observa seus limites e, ao mesmo tempo, aprende a respeitar os limites do outro. A afetividade é necessária na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca. De acordo com Rossini (2003, p.10): “Podemos então, dizer que a afetividade é essencial, para que haja o pleno desenvolvimento das características do ser humano, afetividade que domina todas as ações do sujeito”.

A afetividade, as emoções não são levadas em consideração, não há uma relação entre cognição e o afeto, hoje se preza mais a razão. Deixa-se de lado a relevância dos aspectos afetivos no processo do conhecimento.

2 A AFETIVIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Destaca-se na afetividade o quesito do respeito, da compreensão, da amizade e principalmente da moderação, sem remeter perdas nos nossos alunos. Quando se fala em remeter perdas o significado pode ser equiparado a provocar ferimentos e até ferir nossos educandos e estes ferimentos viram sérias lesões que se referem aos aspectos: morais, discriminatórios e altamente pré-conceituosos, em outras palavras podemos denominar a banalização da aprendizagem (TEIXEIRA, 2005).

Dar importância a ouvir os alunos é fundamental, esta ação cria um vínculo muito amplo e acarreta na aproximação do aluno, propiciando um círculo de amizade que irão crescendo e adentrando em seus corações e cada vez mais acreditará nas palavras de seus mestres (REZENDE, 2006).

Esta atitude demonstra que quando se sabe escutar avançamos um degrau da humildade, o que traz também uma afetividade e quando um educador sabe escutar poderá trazer o educando junto a si e poderá orientá-lo, direcioná-lo (FREIRE, 1996). A universidade é um lugar aonde os princípios éticos devem ser respeitados e qualquer ato que façamos fora da ética não há um outro nome a não ser de transgressão (FREIRE, 1996).

Entretanto com tudo que foi abordado acima é importante frisar que as instituições de ensino superior que são as universidades particulares, estaduais e federais, segundo BRASIL (2000), o educador deve respeitar a autonomia de seus aprendizes, contudo não deve ocultar ou fazer ficar obscuro seus ensinamentos.

Tanto as escolas quanto as universidades são feitas por pessoas com vários credos, pessoas com famílias que possuem diferentes rituais, opções sexuais distintas, que devem ser acatadas e respeitadas. As instituições que abordamos acima todas elas sem exceção são multifacetadas, ou seja, nossos educandos possuem pluralidade cultural com diversas orientações sexuais, que estão a porte de nossos educandos e educadores (BRASIL, 2000).

Quando nos referimos a beleza significa que aonde o educador esbanja sua voz faz dela belas palavras ricas em sabedoria, mas os educandos não conseguem aprender ou assimilar o que lhes foi passado ou quando não possui o direito de discordar do professor e assim criando e construindo um ambiente rico.(FREIRE, 1996)

A proximidade entre os professores e os alunos proporciona inúmeras formas de influência mútua. Possibilita conversas intensas criando infinitas maneiras de auxiliá-los, caracterizando uma forma de manifestação de atenção bastante eficiente e facilmente notada por eles.

Eles podem não assumir, mas essa proximidade dos docentes se torna extremamente valorizada pelos alunos e constitui-se uma forma de interação muito afetiva, amenizando a ansiedade, transmitindo confiança e encorajando o aluno a investir no processo de execução da atividade, interferindo, significativamente no processo de apropriação do conteúdo dado.

A troca de sentimentos é possível pela proximidade entre professores e alunos. Da mesma forma, os professores cientes e preparados utilizam do recurso da proximidade para aliviar a ansiedade dos alunos, para amenizar o desgaste dos mesmos durante a realização da atividade e auxiliá-los com maior eficiência. (CHACON,2004)

É certo de que a maior preocupação dos professores é com o processo de execução da atividade e não apenas com o resultado. É certo que as relações entre as pessoas não são sempre permeadas pela tranquilidade e pela suavidade. Mas é importante ressaltar que a interação pode alterar esse rendimento do aluno.

Os fenômenos afetivos referem-se igualmente aos estados de raiva, medo, ansiedade, tristeza. Essas emoções e sentimentos estão presentes nas interações sociais. Nesse sentido, torna-se certo de que relações afetivas favoráveis facilitam o processo da aprendizagem.

3 A DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR

Classificando etimologicamente a palavra didática, busca-se a origem do grego *didaktiké* e comumente traduzida por ‘a arte de ensinar’. Podendo definir didática como um conglomerado de atividades organizadas pelo docente que objetiva favorecer a construção do conhecimento pelo estudante, sem caráter normativo ou mesmo prescritivo, ajustando-se ao projeto educativo de uma sociedade. Já o didata é o profissional de ensino que tanto desenvolve como reflete sobre sua prática numa disciplina específica do conhecimento. (FIORE FERRARI; LEYMONIÉ SÁEN, 2007)

A didática surge no âmbito educacional, até o século XIX, documentado nos estudos da filosofia, propagando-se especialmente a partir do livro de Jan Amos Comenius (1592-1670) intitulado ‘Didactica Magna’ ou ‘Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos’, publicado em 1657. Também são relevantes as contribuições de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Johan Friederich Herbart (1777-1841) dentro outros autores que discutiram a temática. (GIL, 2008).

Todavia, a partir do início do século XX a didática passou a receber aportes significativos de outras ciências como a Biologia e Psicologia, impulsionando muitos movimentos de reforma escolar que admitiam a falência didática do modelo tradicional e buscavam uma educação que considerasse os aspectos psicológicos relacionados com o processo de ensino e aprendizagem. Com as ideias tecnicistas de meados do século XX, a didática assumiu um conceito instrumental que enfatizava tão somente a elaboração de planos de ensinos, elaboração de objetivos, seleção de conteúdos e técnicas de ensino, confundindo-se assim com a metodologia de ensino. (GIL, 2008; FIORE FERRARI; LEYMONIÉ SÁEN, 2007)

Gil (2008) destaca que o conceito meramente instrumental da didática tem sido criticado por educadores da corrente denominada Didática crítico-social dos conteúdos, pois defendem a necessidade de se estabelecer um projeto de sociedade que contemple a educação como elemento transformador da realidade e então uma proposta pedagógica que forneça instrumentos para que o educando atue como cidadão agente de mudança. Nesta abordagem, são significativas as ideias de José Carlos Libâneo ao afirmar que,

[...] não existe o aluno em geral, mas o aluno vivendo numa sociedade determinada, que faz parte de um grupo social e cultura determinado, sendo que estas circunstâncias interferem na sua capacidade de aprender [...] Um bom professor que aspira ter uma boa didática necessita aprender a cada dia como lidar com a subjetividade dos alunos, sua linguagem, suas percepções, sua prática de vida. Sem esta disposição, será incapaz de colocar problemas, desafios, perguntas relacionadas com o conteúdo, condição para se conseguir uma aprendizagem significativa. (LIBÂNEO, 2001, p. 3)

Reconhecendo estas ideias, os autores Fiore Ferrari e Leymonié Sáen, (2007) propõem que o campo da didática compreenda um estudo de três dimensões distintas, ou seja, o estudante, os saberes culturais e o docente. O estudo de cada uma destas dimensões ajuda-nos a conhecer melhor os processos de aprendizagem dos estudantes e os de ensino do docente, atentando-se para os obstáculos, propondo soluções de aprendizagem para transpô-los e promover a apropriação dos saberes culturais.

Numa situação didática o docente possui conhecimentos e habilidades que lhe dão competências para atuar com base num contrato didático. Não obstante toda a evolução observada nos conceitos fundantes da didática, muitos docentes universitários não valorizam a sua importância; de fato, neste nível de ensino as práticas didáticas são reduzidas a aulas expositivas (mais ou menos dialogadas) e o professor aprende a ensinar pela tentativa e erro. O docente normalmente incentiva a memorização dos conteúdos e utiliza a prova escrita e o 'dar notas' como instrumento de autoridade; quanto aos discentes, só lhe restam colocar-se na posição de meros ouvintes, quais seres sem luz, à espera que os professores deem suas aulas e terminem logo a agonia do período letivo.

É imprescindível que o professor prepare sua aula didaticamente para que possa alcançar os objetivos da aula e isto é sem dúvida de principal importância, então a pedagogia do ensino fundamental e médio é bem parecida com a pedagogia no ensino superior que pode ser dividida em três etapas: dimensão conceitual, procedimental e atitudinal (DARIDO & RANGEL, 2005).

A extensão conceitual é utilizada para conhecer as mudanças pela qual

a coletividade passou em ralação aos hábitos de vida, como exemplo podemos mencionar a diminuição do trabalho corporal em função das novas tecnologias (DARIDO & RANGEL, 2005).

A expansão dos procedimentos é utilizada também em todas as graduações é o chamado saber fazer, em outras palavras é denominada aula prática, como por exemplo, uma aula argumentativa onde os profissionais podem discutir sobre a ética, entre a razão e a emoção, e criar através disto uma dinâmica fingindo ser um fórum (DARIDO & RANGEL, 2005).

E por último a dimensão atitudinal que tem como objetivo respeitar os colegas e decidir as resoluções para os problemas com atitudes de diálogo e não violência (DARIDO & RANGEL, 2005).

Entretanto que foi observado é difícil analisar os conteúdos nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, mas é possível dar ênfase em determinadas dimensões. (DARIDO & RANGEL, 2005).

É importante ressaltar que no Ensino Superior é onde menos se observa a diversidade em relação às práticas didáticas. As aulas expositivas são as mais frequentes e o professor de modo em geral aprende a ensinar com treinamentos, ensaios e simulações. O educador compõe a principal fonte sistemática de informações, e uma das habilidades que mais incentivam os alunos, a de memorização. (DARIDO & RANGEL, 2005).

A prática mais estável de avaliação da aprendizagem consiste na aplicação de provas, usando como critério imperioso, em relação ao aluno, a mensuração numérica do que o discente “aprende”, muito vezes através de notas subjetivas. Aos alunos, entretanto, cabe sua função na condição de ouvintes e esperar que os professores ministrem corretamente.

E para finalizar é importante ressaltar que tanto as universidades quanto as escolas, as propostas são otimistas, mas deve haver uma preparação, uma atualização, uma capacitação e uma supervisão para os profissionais nestes âmbitos, sendo que as escolas e as universidades devem proporcionar aos estudantes um âmbito confortável, prazeroso, com harmonia entre os colegas e seus professores, um lugar onde os estudantes estão em busca da sabedoria, um lugar onde tenha um respeito mútuo, sem a utilização da autoridade, pois liderar é mobilizar seus seguidores sem a utilização de poderes (FREIRE, 1996; REZENDE, 2006).

4 O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM

Todas as pessoas já possuem valores e culturas que já vem de família, solidariedade e justiça, são incorporados naturalmente no relacionamento com o educando, o professor precisa conhecer a realidade de seus alunos levando em consideração os valores por eles cultivados no meio em que ele vive.

Walton afirma ainda, que o educador deve buscar promover o sentimento de responsabilidade, levando em conta que esta tem ingredientes capazes de mobilizá-los, graças às características específicas, pois responsabilidade representa: Tomar a seu cargo o êxito de uma ação que é executada em colaboração com outros ou em proveito de uma coletividade. A responsabilidade confere um direito de domínio, por uma causa, mas também um dever de sacrifício, o que significa que o adolescente responsável é aquele que deve se sacrificar mais, por tarefas sociais que contribuem para o crescimento e desenvolvimento da coletividade e do grupo”. (1979 p.222)

Dessa forma, a tarefa do professor é auxiliar nas tomadas de decisões, propondo atividades que propiciem o reconhecimento de suas tendências e cultivo de propensões e orientações de metas e objetivos futuros. Ao ensinar, o professor desenvolverá uma relação com seus alunos e, nela, se fazem presentes o diálogo e a comunicação, é o professor com suas palavras, seus gestos, seu corpo, seu espírito que dá sentido às informações que quer fazer chegar aos alunos.

A grande maioria das profissões existentes se fazem necessárias ferramentas para sua execução, apenas o ofício de professor se difere “o professor utiliza a si próprio como instrumento de trabalho”. (PERRENOUD, 2001). Por isso, a necessidade de cultivar em seus alunos determinados sentimentos, habilidades, atitudes que são o sustentáculo da atuação relacional: o olhar, o ouvir, o falar.

Não com um gostar ou um querer ingênuo, que permite atitudes erradas e não impõe limites, ou que sente pena da situação do menos experiente, ou ainda tudo como está que o tempo resolve, mas um querer bem pelo ser humano em desenvolvimento que está ao seu lado, a ponto de dedicar-se, de doar-se de trocar experiências, e um gostar de aprender e de incentivar a aprendizagem, um sentir prazer em ver o aluno descobrindo o conhecimento.

Deve ficar bem claro que uma docência decente, de qualidade, não se separa da afetividade que o professor tem por seus alunos.

5 A AFETIVIDADE MEDIANDO A PRÁTICA EDUCATIVA

A distinção conceitual entre afetividade e suas manifestações devem ser visível em relação ao do sentimento, da paixão, da emoção. A afetividade é uma esfera mais ampla, já que inclui esses últimos, bem como as primeiras manifestações de afetivo basilar orgânicos. Em outras palavras, afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações, desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões.

Ainda que sejam comumente confundidas, essas formas de expressão são diferentes. Enquanto os primórdios das cooperações de princípios afetivos são comportamentos generalizados, mal distinguidos, as emoções, por sua vez, são constituídas de reações instantâneas e efêmeras que se diferenciam em alegria, tristeza, cólera e medo. Já o sentimento e a paixão são manifestações afetivas em que a representação se torna reguladora ou estimuladora da atividade psíquica. Ambos são estados subjetivos mais duradouros e têm sua origem nas relações com o outro, mas ambos não se confundem entre si.

Segundo Wallon (1979), a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da atividade emocional. Nesta perspectiva, o professor no ensino superior, não pode entrar na sala apenas com a preocupação de “dar aula”, ou seja, cumprir com o programa estabelecido, o professor no ensino superior precisa ser, acima de tudo, além de mediador ou facilitador, observador e sensível, pois, somente assim, poderá identificar as nuances que permeiam as dificuldades dos estudantes no processo de ensino aprendizagem significativa.

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existem uma relação estreita tanto que as condições medíocres de um podem ser superadas pelas condições mais favoráveis do outro. Essa relação recíproca impede qualquer tipo de determinismo no desenvolvimento humano, tanto que “[...] a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas

circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está ausente.” (WALLON, 1979, p. 288).

Ao longo do desenvolvimento do indivíduo esses fatores em suas interações recíprocas modificam tanto as fontes de onde procedem as manifestações afetivas, quanto as suas formas de expressão. A afetividade que inicialmente é determinada basicamente pelo fator orgânico passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social. Tanto que Wallon (1979, p. 84) defende uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão se distanciando da base orgânica, tornando-se cada vez mais relacionadas ao social.

Podem ser consideradas atitudes positivas observar e mediar conflitos que envolvam situações de agressividade, frustração, indisciplina, medos devem ser muito observados pelos professores. A tarefa é difícil e o professor não pode e nem deve executá-la sozinho, mas é preciso pelo menos que se tenha um olhar mais cuidadoso sobre essas diferenças reconhecendo que muitas vezes é difícil aceitá-las espontaneamente e trabalhar isso na formação profissional.

O professor, como qualquer ser social, transporta de dentro dele toda uma trajetória de vida, todas as influências de seu grupo socioeconômico, crenças e mitos familiares de pelo menos três gerações, as influências do clima de trabalho que vivencia sua relação com colegas de trabalho, seus estado emocional, quando entra em sala de aula.

Segundo Valéria Amorim Arantes (2003, p.49) em seu livro *Afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas*, publicado pela Summus editorial.

“sabe-se que a educação regular é, atualmente, uma máquina de excluir os diferentes. Mais do que isso, as práticas educativas adotadas em nossas escolas são em realidade fabricantes dessa nova categoria de crianças, as excluídas do sistema regular de ensino. Tais crianças se tornam fracassadas escolares pelo modo como a escola aborda, ataca, nega e desqualifica o degrau, a diferença social, o desencontro de linguagens entre as crianças de extração pobre, de um lado, e a escola comprometida com outras extrações sociais de outro.”

Devido a isso, é importante o professor se autoavaliar e atentar para o que lhe pertence e que pode estar interferindo na relação com seus alunos e no modo como está exercendo seu papel de educador.

Respeito pelas diferenças, abandono de pré-conceitos, vontade de aprender e não de exercer poder, saber ouvir, equilíbrio emocional, coerência, clareza de objetivos,

saber elogiar em lugar de priorizar os erros, todos são itens fundamentais na construção de uma relação afetiva do professor com seus alunos.

Cabe ao professor, não se conformar em ser apenas aquele que ensina. Sua função de educar, hoje mais do que nunca inclui o aprimoramento do aluno como pessoa humana. Celso Antunes em seu livro *Relações inter pessoais e auto-estima*, publicado pela editora Vozes no ano de 2003, à página 15, diz que:

“(...) devemos estar sempre preparados e com aguda sensibilidade para perceber o oportunismo do momento e tenha domínio das estratégias de execução. Tendo assim, desabando sobre nosso cotidiano, três elementos que exigem resposta: 1) preciso fazer alguma coisa pelas relações interpessoais; 2) preciso estar preparado para este “fazer”; 3) este é, indiscutivelmente, o momento certo para fazê-lo”.

Para o desenvolvimento e crescimento do ser humano, a interação entre afetividade e inteligência exerce um importante papel, pois ambas se desenvolvem gradativamente no indivíduo e existe uma integração que as permite estar juntas mesmo quando o momento é propício apenas para uma. À medida que o indivíduo vai se desenvolvendo, a afetividade vai cedendo lugar à inteligência, pois ele sente a necessidade de conhecer o mundo em sua forma real.

Segundo Oliveira (2001), costuma-se distinguir entre as funções cognitivas e as afetivas e/ou emotivas, sendo estas últimas frequentemente identificadas com a motivação e também com os aspectos conativos ou volitivos do sujeito. As funções cognitivas e ou intelectuais abrangem aspectos muito diversos, como a percepção, a aprendizagem, o conhecimento, o pensamento, o conceito, o juízo, o raciocínio, a solução de um problema etc, enfim, tudo o que se relaciona com a aquisição e processamento de informação.

Nesta perspectiva, a afetividade é a motivação que impulsiona o indivíduo a seguir em frente, ela constitui o fator energético do comportamento humano e não pode ser separada das funções cognitivas. Para Dantas, a afetividade não é apenas uma das dimensões da pessoa, ela é também uma fase do desenvolvimento.

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira (DANTAS, 1992, p. 90).

O ser humano vai crescendo e a diferenciação entre a afetividade e a inteligência vai surgindo, mas elas andam paralelas. Vez por outra, elas alternam, uma dando lugar à

outra, e a afetividade muitas vezes reflui para dar lugar à inteligência, para que o ser em processo de crescimento encare a realidade da vida (DANTAS, 1992).

Nesta perspectiva, é a partir daí que a personalidade do ser humano é formada segundo as relações variáveis entre as duas funções, ora predominando a afetiva ora a cognitiva. Elas oscilam, mas não se separam. Segundo Almeida (1999, p. 50), “a evolução da inteligência é incorporada pela afetividade de tal modo que uma determinada relação afetiva evolui para uma outra”.

Na obra Walloniana (ALMEIDA, 1999), a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas possuem funções bem definidas, e quando integradas permitem ao indivíduo atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.

Neste sentido, evidencia-se a presença contínua da afetividade nas interações sociais, além da sua influência também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Assim, pressupõe-se que as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Desta forma, a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza nas relações que se estabelecem entre os sujeitos (estudantes) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

No ensino superior a afetividade deve ser empregada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. Pois, oriundos de uma formação essencialmente tradicionalista, necessitam que os professores os encorajem para pensar, executar as atividades propostas e que apontem os caminhos para possíveis soluções diante de dúvidas e dificuldades deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior missão da escola é a mediação do conhecimento, e para isto, é fundamental que ocorra a interação entre pessoas, declarando que o relacionamento entre o professor e o aluno, antes de qualquer rótulo, são pessoas, e estas são vulneráveis a sentimentos, entre eles o mais presente é o afeto. A qualidade das interações construídas principalmente entre professor- aluno no espaço da sala de aula,

poderá levar o aluno ao seu desenvolvimento amplo das suas capacidades, tanto cognitivas, afetivas ou motoras.

As relações de mediações feitas pelo professor durante as atividades pedagógicas envolvendo sentimentos e quando transmitidos de forma positiva para os alunos acabam interferindo na sua autoimagem, sendo meio facilitador para à construção da sua autonomia fortalecendo a segurança em suas capacidades de tomada de decisão.

Quando o professor se prontifica a ensinar e o aluno aprender vai alicerçando-se elos afetivos propiciando uma troca entre eles, o educador desenvolve um trabalho de conquista e selando um acordo quase silencioso leva o aluno a confiar nele e consegue despertar sua atenção para o conhecimento que pretende abordar. É nesta relação que o conhecimento e o aprender se concretizam, ou seja, é mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo ensino-aprendizagem.

A importância da escola no comprometimento não somente com o desenvolvimento cognitivo do educando, mas com seu desenvolvimento emocional confere que estão intimamente ligados, sentimentos de atração ou repulsão podem estar presentes às práticas pedagógicas. É ilusão acreditar que a construção do educar tem sucesso completo se a relação afetiva entre professor-aluno não for estabelecida, a aprendizagem não significativa deixa lacunas no aprendizado, “o professor precisa estar aberto ao gosto de querer bem” (Freire, 1996), isto significa estar disponível ao amor, alegria e afeto. É preciso lembrar, que só o amor não é suficiente para uma boa educação, entretanto é algo a ser considerado.

Não se deve reconhecer apenas a importância da inteligência emocional ou as habilidades afetivas. Precisa-se reconhecer que é necessário afetar, atingir e sensibilizar os alunos, tocá-los e deixar-se tocar por eles.

Estudiosos, pesquisadores e especialistas, que foram citados nesta pesquisa são unânimes em aceitar que há necessidade de cuidar do enfoque afetivo no para que se concretize uma aprendizagem significativa, levando em conta que cada indivíduo é diferente, cognitiva e afetivamente. Para um desenvolvimento saudável dentro do ambiente escolar, e conseqüentemente social, faz-se necessário que haja um estabelecimento de relações interpessoais positivas, com apoio e aceitação, possibilitando assim o sucesso dos objetivos educativos.

Na posição de educadores, é importante estar atentos ao fato de que, enquanto não atribuirmos atenção ao fator afetivo na relação professor-aluno, somos ameaçados a trabalhar somente com a construção do real, do conhecimento, deixando de lado o trabalho da constituição do próprio sujeito-que envolvem valores e o próprio caráter, necessário para o seu desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999 (Coleção Papirus Educação).

ANTUNES, Celso. **Relações Interpessoais e Auto-estima: a sala de aula com um espaço do crescimento integral**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 2000.

CHACON, I.G.M. **Revista Pátio- pedagógica**, ano VIII, n° 29 - Rio de Janeiro, 2004.

DANTAS, Heloysa. **A Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

_____. **Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon**. São Paulo: Summus, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina. RANGEL, Irene C. A. **Implicações para a prática pedagógica**. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro: 2005.

FIORE FERRARI, Eduardo; LEYMONIÉ SÁEN, Julia. **Didáctica Práctica para enseñanza media y superior**. Montevideu: Magro, 2007.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos (2001). **O essencial da Didática e o trabalho do professor: em busca de novos caminhos**. Goiania. Disponível em: www.ucg.br/site_docente/edu/libaneio/pdf/didaticaprof.pdf Acesso em: 28 mar 2017

OLIVEIRA, José H. Barros de. **Freud e Piaget: afetividade e inteligência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

REZENDE, Bernardo Rocha de . **Transformando em ouro / Bernardinho. Sextante**. Rio de Janeiro: 2006.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

TEIXEIRA, Tiane. PIMENTEL, Verônica Lima. **Influências no processo ensino aprendizagem**: 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e métodos em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Criança**. Lisboa: Editorial Veja, 1979.